Magnolia ovata (A.St.-Hil.) Spreng.

(baguaçu, canela do brejo, pinha brava, pinha do brejo, uvaguaçu)

Família: Magnoliaceae

Sinônimos: *Magnolia fragrantissima , Talauma dubia , Talauma ovata*

Endêmica: sim[7]

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica[7]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

A pinha do brejo é uma árvore com até 30 m de altura, que por suas flores brancas, grandes, vistosas e cheirosas é indicada para o paisagismo em geral. Adaptada a terrenos brejosos, suporta inundação e encharcamento. Por isso, é também recomendada para projetos de restauração em matas ciliares. Seu tronco é reto ou pouco sinuoso, com casca externa lisa e marrom. Suas folhas são coriáceas, verde-escuras na parte superior e verde-pálidas na face inferior. Sua madeira é leve, indicada para construção civil, obras de carpintaria e principalmente empregada na indústria de embalagens e caixotaria em geral.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (artefatos, construção civil, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (recurso para fauna, medicinal, ornamental, alcalóides, óleo, saponina, substâncias tanantes)[3,4,1,2]

Características gerais

Porte: altura 10.0-30.0m DAP 50-130cm[3,2,5]

Cor da floração: branca[2,8]

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida[2]

A produtividade volumétrica máxima registrada em plantios é 15,45 metros cúbicos, por hectare, por ano, aos 15 anos.

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua[4,1,5,2]

Sistema radicular: Pivotante[2,4]

Formato da copa: Globosa[4,2]

Diâmetro da copa: 8m[3]

Alinhamento do tronco: Reto[2]

Superfície do tronco: Lisa[1,2]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)[2]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim[2]

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas[4,2]

Essa espécie é recomendada para revegetação de áreas de depleção (antropisadas) e inundados de reservatórios e rios (CARVALHO, 2003). Ocorre exclusivamente em matas de galeria inundáveis (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Clímax[16,5,11,12]

Polinizadores: Besouros (MORELLATO, 1991), especialmente o Augoderia (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).[1,8,4]

Período de floração: outubro a dezembro[2,9,8]

Outubro (SPINA et al., 2001); novembro a dezembro (MORELLATO, 1991; CARVALHO, 2003).

Tipo de dispersão: Autocórica, Barocórica, Hidrocórica, Zoocórica[9,5,2,14]

Agentes dispersores: Aves.[4,2,5,6]

Período de frutificação: junho a fevereiro[8,2,9]

Junho; outubro a fevereiro (SPINA et al., 2001); agosto a novembro (MORELLATO, 1991; CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: não[17]

Ausência de micorriza arbuscular.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[10,5]

Colheita de frutos quando iniciarem abertura espontânea, verificada pela exposição do arilo vermelho das sementes (LORENZI, 2002). Depois da coleta, os frutos deverão ser colocados em local ventilado e sombreado para completar a abertura, liberação e secagem do arilo aderente à semente, o qual deverá ser removido (OLIVEIRA et al., 2005).

Tipo de semente: Recalcitrante[11,12,15]

Tratamento para germinação: Imersão em água[13,11]

Imersão das sementes em água à temperatura ambiente (25°C) por 48 horas.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais[2,5,10]

Duas sementes para cada recipiente, sacos de polietileno ou tubetes grandes (CARVALHO, 2003). As mudas devem ser mantidas em áreas sombreadas e são sensíveis ao transplante (LORENZI, 2002), mas em caso de germinação na sementeira (OLIVEIRA et al., 2005), a repicagem pode ser realizada 2 a 3 semanas após a germinação (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 15 a 100 dias[2,4,1,10,5]

Taxa de germinação: 30 a 91%[4,2,10,11]

Número de sementes por peso: 4000/kg[4,5,11]

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[2,12]

Tolera sombreamento leve a moderado na fase juvenil.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[2] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

[3] SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual técnico de arborização urbana. São Paulo, 2005. 48 p.

[4] SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

[5] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[6] CAZETA, E.; RUBIM, P.; LUNARDI, V. de O.; FRANCISCO M. R.; GALETTI, M. Frugivoria e dispersão de sementes de Talauma ovata (Magnoliaceae) no sudeste brasileiro. Ararajuba, Seropédica, v. 10, n. 2, p. 199-206, dez. 2002.

[7] MELLO-SILVA, R. Magnoliaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2013.

[8] MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.

[9] SPINA, A. P.; FERREIRA, W. M.; LEITÃO FILHO, H. F. Floração, frutificação e síndrome de dispersão de uma comunidade de floresta de brejo na região de Campinas (SP). Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 349-368, 2001.

[10] OLIVEIRA, M. C. de; PEREIRA, D. J. de S.; RIBEIRO, J. F. Viveiro e produção de mudas de algumas espécies arbóreas nativas do Cerrado. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2005. 76 p. (Documentos, 147).

[11] MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

[12] CARVALHO, L. R. de; SILVA, E. A. A. da; DAVIDE, A. C. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. Revista Brasileira de Sementes, Brasília, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.

[13] FOWLER, J. A. P.; BIANCHETTI, A. Dormência em sementes florestais. Colombo: Embrapa Florestas, 2000. 27 p. (Documentos, 40).

[14] ZIPPARRO, V. B.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABRIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. Biota Neotropica, Campinas, v. 5, n. 1, 2005.

[15] MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).

[16] GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.

[17] CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.